



4366 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E A PRÁTICA PEDAGÓGICA EDUCADOR-EDUCANDO NO MST: PERCURSOS PARA (RE)PENSAR A FORMAÇÃO HUMANA

Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Agência e/ou Instituição Financiadora: Facepe

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a Prática Pedagógica Educador-Educando no Curso Pé no Chão (espaço não escolar) do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Este estudo encontra-se em andamento e dá-se no Centro de Formação Paulo Freire, no Assentamento Normandia, localizado na cidade de Caruaru-PE. A pesquisa é qualitativa e tem sido elaborada por observação não participante, conversas informais e anotações no caderno de campo. A questão que norteia este estudo é: quais as contribuições da Prática Pedagógica Educador-Educando para (re)pensar o processo de formação humana dos educando/as-militantes? Como resultados, compreendeu-se que a Prática contribui para o processo de formação humana do ser humano integral, tendo como princípio norteador a humanização. Essa possibilita, através das atividades propostas e da relação educador-educando, uma construção de saberes para as vivências sociais dos educandos/as-militantes do MST. As Práticas, além de respeitar e favorecer um processo de humanização, forjam caminhos para os sujeitos educativos tornarem-se conscientes da realidade, críticos, empoderados, emancipados e comprometidos com o projeto de transformação da sociedade por meio da força coletiva.

A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E A PRÁTICA PEDAGÓGICA EDUCADOR-EDUCANDO NO MST: PERCURSOS PARA (RE)PENSAR A FORMAÇÃO HUMANA

Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a prática pedagógica educador-educando no Curso Pé no Chão (espaço não escolar) do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Este estudo encontra-se em andamento e dá-se no Centro de Formação Paulo Freire, no Assentamento Normandia, localizado na cidade de Caruaru-PE. A pesquisa é de caráter qualitativo e vem se constituindo por observação não participante, conversas informais e anotações no caderno de campo. A questão que norteia este estudo é: quais as contribuições da prática pedagógica educador-educando para (re)pensar o processo de formação humana dos educandos/as-militantes?

Esta pesquisa surge de inquietações acerca do ato de educar para a formação humana, pois, a educação, sobretudo, escolar, tem se enveredado por um viés unicamente funcional no quesito de profissionalizar por meio da técnica, da reprodução e de processos de memorização de conteúdos, deixando, assim, a formação humana dos sujeitos em segundo plano. Destarte, a presente pesquisa é relevante, porque busca oxigenar as práticas da educação escolar por meio das contribuições do MST com a educação não formal, mormente, o Curso Pé no Chão e suas práticas pedagógicas educador-educando. Para elaborar esta pesquisa, buscou-se dialogar com autores abalizados nas discussões propostas, tais como: Freire, Caldart, Gohn, Arroyo, Braga.

A educação não formal e a prática educador-educando: caminhos para a humanização

Compreende-se o Movimento Sem Terra como sujeito coletivo, pedagógico e educativo a partir de Arroyo (2012) e Caldart (2012). Assim, a Pedagogia do Movimento guia a dinâmica de vida dos assentados/as e acampados/as, e possibilita o aprendizado no cotidiano das vivências do trabalho e nas formações propostas pelo Movimento, consolidando o fortalecimento de suas lutas e resistências na construção de um projeto societário permeado pela justiça e igualdade e o fortalecimento da cidadania. No cotidiano dos Sem Terra, as formações abrangem os mais diversos assuntos, tais como: Reforma Agrária (elemento principal na pauta do MST), Educação (escolar e não escolar), Gênero, Política, História Geral e do Brasil, Trabalho de Base, Coletividade, e o estudos sobre Marx, Lênin, Makarenko, Paulo Freire, Zumbi dos Palmares, Antônio Cândido, Florestan Fernandes, entre outros.

O MST a partir da década de 80, após sua constituição enquanto sujeito coletivo, foi forjando-se também como pedagógico e educador, proporcionando às famílias-militantes uma formação política e crítica da realidade, sobretudo, para buscar o fortalecimento do Movimento enquanto coletivo o qual pudesse se organizar para o enfrentamento de projetos neoliberais que não favorecessem oportunidades às classes populares (FERNANDES; STEDILE, 2012, p.75).

A educação no interior do MST se realiza para além dos espaços escolares. Dá-se também como educação não formal, ou seja, fora dos muros das escolas e no chão dos assentamentos e acampamentos. Sobre essa educação, Gohn (2010, p. 16) atesta: "a educação não formal é aquela que se aprende 'no mundo da vida', via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos". Nessa perspectiva, a educação não escolarizada no interior do Movimento será considerada por meio da categoria educação não formal.

A prática pedagógica docente-discente, na compreensão de Braga (2010) constrói-se na perspectiva de que não há docência sem discência. Essa torna-se didiscência no processo de construção de conhecimentos. A prática pedagógica refletida como

a prática pedagógica docente-discente, que se pauta pelo processo de ação-reflexão-ação, tende a considerar a aprendizagem como elemento central do ensino. Sustenta-se na participação dos sujeitos envolvidos no ato de conhecer e reconhecer as diferenças culturais, sociais, étnicas, de gênero e de pessoa, sem reafirmá-las como causa de desigualdade ou exclusão (BRAGA, 2012, p.19).

Esta prática se alicerça na perspectiva problematizadora, que surge das indagações dos temas geradores. Deste modo, a educação deve suscitar nos sujeitos a crítica e possibilitar a construção da consciência reflexiva e politizada acerca das realidades e estruturas sociais. Destarte, compreende-se a educação problematizadora como a “força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, e a curiosidade não facilmente satisfeita” (FREIRE, 1996, p. 28). Por isso, por meio da problematização, é possível tecer um caminho contra hegemônico que enfrenta a educação meramente cômoda e alicerçada na educação bancária. E, portanto, segue-se disso “a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, 1993, p. 30).

Nesta perspectiva dialética, compreende-se que a prática pedagógica docente-discente possibilita o estar sendo no mundo motivado a analisar a realidade com a ótica da crítica. Assim sendo, Loureiro (2005, p.111), seguindo a reflexão freireana, elucida que “a pessoa que se abre para si mesma, para o outro e para o mundo, construindo relações autênticas e um olhar crítico sobre a realidade, inaugura com essa abertura a relação dialógica”. Seguindo a compreensão de pedagogia dialógica, Freire reflete,

[...] uma metodologia que não possa contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos “temas geradores” e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos (FREIRE, 1993, p. 87).

É, portanto, na relação educador-educando-mundo que é possível pensar uma educação para além da formação unicamente profissionalizante. Sendo assim, é possível pensar a educação como defende o MST a partir de uma compreensão de omnilateralidade a qual se dá através de diversas práticas que trabalham as variadas dimensões da pessoa humana (MST, 1996, p.8).

Metodologia

Esta pesquisa deu-se pela abordagem qualitativa, do tipo etnográfica, com técnicas de observação participante, conversas informais e o uso do caderno de campo para as anotações das descrições de falas, de aspectos do campo empírico, das práticas pedagógicas educador-educando e de muitas cenas protagonizadas pelos educadores/as e educandos/as. Para manusear a análise dos dados, foi utilizado a análise de conteúdo na perspectiva de Bardin, que se desdobra em etapas: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (2009, p. 121). Com isso, são refletidas as categorias Educação não formal, Práticas Pedagógicas educador-educando e Formação humana. Tomou-se como base de análise o livro Prática Pedagógica Docente-Discente, de Braga. Como o presente estudo desenvolveu-se em espaço não escolar, a categoria apresentada por Braga foi relida dando lugar ao educador-educando.

Percebeu-se que o Curso Pé no Chão, enquanto uma prática educativa que acontece no Centro de Formação Paulo Freire, corrobora com a formação humana dos educandos/as-militantes. Nesta pesquisa científica, a categoria “Prática pedagógica docente-discente” torna-se chave para a compreensão das práticas dos educadores/as-educandos/as no MST. Deste modo, durante nossa pesquisa fez-se a releitura do livro de Braga (2012): “Prática Pedagógica docente-discente” pelo viés da educação no Movimento Social.

A Prática Pedagógica Educador-Educando no Curso Pé no Chão / MST

Nesta sessão será analisada a Prática pedagógica educador-educando a partir do Curso Pé no Chão. O MST, no estado de Pernambuco, por meio do Centro de Formação Paulo Freire, oferece diversas formações para os militantes do Movimento no decorrer do ano. Dentre as diversas atividades formativas, existe o Curso Pé no Chão, que já acontece há mais de 17 anos e será tomado como objeto de estudo para compreender as tessituras dessa prática educador-educando.

A consciência crítica é um dos pilares que são fomentados na prática pedagógica educador-educando, principalmente, na dinâmica em sala por questões problematizadoras. Os educadores se postam como quem ainda não sabem e começam a suscitar os saberes que os educandos já construíram em suas histórias e, com isso, vão percorrendo a dinâmica de construção do processo de ensino e aprendizagem e do fortalecimento da cidadania. Afirmou a educadora Maria, do Curso Pé no Chão: “é preciso ler a realidade e questioná-la” (caderno de campo). Esse posicionamento de ler a realidade pode ser reforçado com Freire (2001), que assevera que no fundo as situações concretas possibilitam uma leitura da realidade, antes mesmo da leitura da palavra. E a prática dos educadores vai se forjando a partir do princípio reflexão-ação, ou seja, da práxis, aproximando do pensamento freireano (1993).

O Educador Saulo refletiu com os educandos/as-militantes a necessidade de reconhecer o lugar dos educandos/as, o território de onde eles vêm, suas compreensões de vida/mundo, seus conhecimentos advindos da educação escolar. Assim, Saulo assevera: “Precisamos nos dividir em grupos para dialogarmos sobre quais as impressões nós temos das realidades de nossos assentamentos e perceber como podemos contribuir para a luta de classes”. Os educadores são envolvidos. A revolução se dá pela responsabilidade com o outro.

O educador se coloca como mediador do conhecimento e não como o detentor do conhecimento. Desse modo, surge a educação que se constrói por meio do diálogo e da conscientização de que é preciso lutar por uma sociedade mais justa, igualitária e formada por um coletivo que denuncia as estruturas desumanizadoras. O educador Paulo, 50 anos de idade, 13 anos como educador do Curso Pé no Chão, Licenciado em História, prefere fazer perguntas chamando os educandos/militantes pelos seus próprios nomes, pois para ele: “chamar os educandos pelo nome é um jeito de mostrar que eles são importantes na construção do sujeito coletivo de luta que deve revolucionar essa sociedade para que seja construída na história a nova sociedade”.

Faz-se necessário reconhecer o lugar dos educandos/as, o território de onde vêm, suas compreensões de vida/mundo, seus conhecimentos advindos da educação escolar. Por meio de observações foi possível experimentar que os “modos de fazer” dos educadores estão imbricados com a construção de conhecimento dos educandos nos espaços de formação no Curso Pé no Chão. A prática pedagógica educador-educando se estabelece da relação da amorosidade, na troca de olhares, nas narrações de histórias, nos

encontros fora de sala, nas místicas, nas perguntas dos educadores-educandos. São expressões de que essas práticas contribuem para a sensibilidade que humaniza e para se concretizar o novo cidadão por meio da formação integral dos homens e mulheres novos (MST, 1996).

Conclusão

O MST, no Estado de Pernambuco, por meio do Curso Pé no Chão, mais especificamente através das práticas pedagógicas educador-educando, possibilita (re)pensar a realidade da sala de aula das escolas, o processo de ensino e aprendizagem, a construção de saberes, e a relação educador-educando. A envergadura desta pesquisa tornou-se relevante por partir de outro chão que não o da escola, mas da educação não formal, que, ainda sofre críticas como sendo inferior à educação formal. Entretanto, mesmo com a pesquisa em andamento, parecem ser visíveis as contribuições que a educação não escolar no MST reflete para a educação escolar, sobretudo as práticas dos educadores, pois essas são atravessadas de humanização, sensibilidade, fortalecimento da cidadania e formação humana.

A prática pedagógica educador-educando é perpassada pela responsabilidade, pela crítica, pela amorosidade, pela atenção, pela coletividade, pela alteridade e, sobretudo, pela *práxis* a qual expressa-se nas condições de possibilidade dos educandos/as-militantes se compreenderem atores/autores de um novo processo societário. Por isso, essa relação possibilita aos educadores e educandos o entendimento para que o engajamento nas lutas sociais sejam pontos cruciais para se pensar num processo de humanização e formação humana que combata com veemência as estruturas impostas pelos governos neoliberais respaldados no capitalismo, que visa primeiramente a formação técnica dos cidadãos para o mercado de trabalho.

Portanto, o Curso Pé no Chão permite diversas reflexões para (re)pensar a formação humana nos variados espaços de ensino e aprendizagem, sejam eles formais ou não formais. Assim, pode-se questionar: qual o sentido da educação se não for para formar sujeitos humanizados e humanizantes? Qual o papel do educador reflexivo diante de processos desumanizadores na sociedade, de reprodução e de memorização? A formação humana deixou de ser a centralidade da educação e deu lugar à técnica e a formação profissionalizante? Ao conjecturar essas inquietações, parece pertinente refletir as palavras de Freire (1996, p. 33) ao afirmar: “é por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. Uma série de questões é tecida a partir do campo empírico e de suas práticas educativas elencadas nessa pesquisa ainda em andamento, mas que já confirma novos horizontes a partir das práticas educativas para se (re)pensar o processo educativo e a formação humana dos novos sujeitos/militantes.

Referências

- ARROYO, Miguel G. Prefácio. In: CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho. **Prática pedagógica docente-discente e humanização: contribuição de Paulo Freire para a escola pública**. 2012. 241f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 42. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Alfabetização – uma perspectiva humanista e progressista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MST. **Princípios da Educação no MST**. Caderno de formação. n. 8. São Paulo, 1996.